

Retardatários

Jorge J. Okubaro

Deu no jornal. Preocupado com os maus resultados de seus negócios, um empresário baiano radicado em Portugal decidiu tirar do nome de sua empresa a palavra "Brasil". Mas o preconceito contra os brasileiros em Portugal já tinha crescido tanto que nem com a alteração foi possível recuperar o empreendimento. O empresário mudou-se para a Espanha. Nesse caso, a má imagem do Brasil tem causa próxima e bastante conhecida, que é a questão da legalização do trabalho dos dentistas brasileiros em Portugal. Os portugueses já não vêem o Brasil com bons olhos, por entenderem que há brasileiros demais em seu país. Conforme pesquisa realizada pelo jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, eles consideram que aqui se trabalha pouco e que o Brasil é um país muito pobre e muito inseguro.

Mas o que dizer da influente revista inglesa *The Economist*, que classificou o Brasil como um gigante retardatário que se arrasta no fim da fila dos países da América Latina e os puxa para trás? Não há nenhuma razão, próxima ou remota, que permita falar em qualquer tipo de preconceito inglês contra o Brasil e os brasileiros. Há, na verdade, um conjunto de fatos que justificam inteiramente a observação do semanário inglês.

Com uma inflação acumulada, nos últimos doze meses, de mais de 500%, o Brasil foi o campeão da América Latina, superando largamente o segundo colocado (o Peru, com 100% de inflação num ano). "Em março — compara a agência italiana de notícias Ansa — a inflação brasileira de 21% foi quase equivalente à soma da inflação de todos os países vizinhos."

Mas não é só na inflação que o Brasil está pior que quase todos os demais países latino-americanos. O balanço feito pela Ansa mostra que, quanto ao salário mínimo, o Brasil só está melhor que a Bolívia e o Equador. Aqui, o salário mínimo é de US\$ 46 (conta feita pela Ansa), contra US\$ 200 na Argentina.

O salário mínimo, na verdade, é apenas um dos indicadores sociais que mostram a situação pouco confortável do Brasil no cenário mundial. Há outros piores. Domingo, *O Estado de S. Paulo* publicou um relatório do Ministério da Educação no qual se verifica que, de cada 100 alunos que se matricularam em 1981 na 1ª série do 1º grau, apenas 18 concluíram a 8ª série em 1988. Isso representa uma evolução insignificante num período de 14 anos, pois, dos alunos que se matricularam na 1ª série em 1967, 16% chegaram à 8ª série em 1974. Disso se pode concluir que, no sistema educacional brasileiro, pior do que sua ineficiência é sua recuperação lenta demais para um país que pretende se integrar ao Primeiro Mundo na virada do século.

O êxito do combate à inflação depende mui-

to da maneira como o governo utiliza os instrumentos de que dispõe e de sua coragem política em adotar as medidas indispensáveis para erradicar do organismo econômico as causas estruturais desse mal com a qual convivemos há tantos anos. Os resultados práticos, por isso, mesmo que dolorosos, surgem na medida em que o governo age na direção correta. A retomada dos investimentos, por sua vez, será decorrência natural desses resultados.

Mas mesmo que tudo dê certo nessas políticas de cunho essencialmente econômico que o governo vem praticando, não estará assegurada o crescimento rápido e duradouro que permita ao Brasil alinhar-se entre as economias mais ricas e dinâmicas do mundo num prazo de dez ou 20 anos. Resolvidos os problemas econômicos básicos, haverá disponibilidade de capital financeiro para sustentar o crescimento, mas, se não se enfrentar com seriedade e presteza o problema educacional, faltará o capital humano indispensável para dar produtividade e competitividade à economia brasileira.

Na base do extraordinário crescimento que a Coreia do Sul exibiu nas duas últimas décadas está o avanço de seu sistema educacional. No Brasil, entre 1965 e 1987, o número de matriculados no curso secundário passou de 16% para 39% da população em idade de frequentar esse curso, resultado bastante inferior ao do conjunto dos países considerados de renda média (entre os quais o Brasil está incluído), de 26% em 1965 e de 54% em 1987. Na Coreia, entre 1965 e 1985, esse índice saltou de 35% para 94%.

Enquanto no Brasil a expansão do sistema educacional, com crescimento mais rápido nos índices de matrículas no curso superior, resultou em maior desigualdade dos salários, na Coreia ocorreu o inverso. Também a formação da mão-de-obra piorou no Brasil em relação à da Coreia. Aqui, em 1985, 61% da força de trabalho masculino tinha no máximo a educação primária; na Coreia, em 1986, apenas 7,5% tinha apenas educação elementar ou inferior.

Há uma estreita relação entre os baixos níveis de remuneração no Brasil — apontados pela pesquisa da Ansa — e a ignorância. Os brasileiros ganham mal porque têm pouca escolaridade. A baixa escolaridade resulta em mão-de-obra de baixa qualificação, que reduz a produtividade média da economia, o que, por sua vez, acaba reproduzindo a pobreza.

Se não interrompermos corajosa e rapidamente esse ciclo, a partir da melhora do sistema educacional, mais brasileiros irão procurar em Portugal, enquanto isso for possível, e em outros países oportunidades profissionais melhores que as oferecidas aqui, e o País continuará no fim da fila do progresso.

Jorge J. Okubaro é jornalista